

Iemanjá

Deusa dos Fluidos

Ensaio fotográfico de Gal Oppido.

Concepção de Gal Oppido e Marília Adamy.

Participação de Teresa Tomé e Marília Adamy.

Intervenção poética de Yanet Aguilera.

Versos de Luís Gama.





**Meus Amores,
de Luís Gama**

"Pretidão do amor,
Tão leda a figura
Que a neve lhe jura
Que mudara a cor."
Camões, *Endechas*

Meus amores são lindos, cor da noite
Recamada de estrelas rutilantes;
Tão formosa creoula, ou Tétis negra,
Tem por olhos dois astros cintilantes.

Em rubentes granadas embutidas
Tem por dentes as pérolas mimosas,
Gotas de orvalho que o inverno gela
Nas breves pétalas de carmínea rosa.

Os braços torneados que alucinam,
Quando os move perluxa com langor.
A boca é roxo lírio abrindo a medo,
Dos lábios se destila o grato olor.





O colo de veludo, Vênus bela
Trocara pelo seu, de inveja morta;
Da cintura nos quebros há luxúria
Que a filha de Cineras não suporta.

A cabeça envolvida em núbia trunfa,
Os seios são dois globos a saltar;
A voz traduz lascívia que arrebatada,
— É coisa de sentir, não de contar.



Quando a brisa veloz, por entre anáguas,
Espaneja as cambraias escondidas,
Deixando a ver aos olhos cobiçosos
As lisas pernas de ébano luzidas.

Santo embora, o mortal que a encontra pára;
Da cabeça lhe foge o bento siso;
Nervosa comoção as bragas rompe-lhe,
E fica como Adão no Paraíso.



Meus amores são lindos, cor de noite,
Recamada de estrelas rutilante;
Tão formosa creoula, ou Tétis negra,
Tem por olhos dois astros cintilantes.

Ao ver no chão tocar seus pés mimosos,
Calçando de cetim alvas chinelas,
Quisera ser a terra em que ela pisa,
Torná-las em colher, comer com elas.



São minguados os séculos para amá-la,
De gigante a estrutura não bastara,
De Marte o coração, alma de Jove,
Que um seu lascivo olhar tudo prostrara.

Se a sorte caprichosa em vento, ao menos,
Me quisesse tornar, depois de morto;
Em bojuda fragata o corpo dela,
As saias em velame, a tumba em porto,



Como os Euros, zunindo dentre os mastros,
Eu quisera açoitar-lhe o pavilhão;
O velacho bolsar, bramir na proa,
Pela popa rojar, feito um tufão.



Dar cultos à beleza, amor aos peitos,
Sem vida que transponha a eternidade,
Bem que mostra que a sandice estava em voga
Quando Uranus gerou a humanidade.

Mas já que o fato iníquo não consente,
Que amor, além da campa, faça vasa,
Ornemos de Cupido as santas aras,
Tu feita em fogareiro, eu feito em brasa.

Luís Gama (1830-1882), poeta baiano, filho de fidalgo português e escrava liberta. Formado em Direito, foi ativo abolicionista, tendo conseguido a libertação de mais de 500 escravos.

Gal Oppido é fotógrafo ensaísta, com trabalhos de fotografia aplicada nas áreas de artes cênicas, arquitetura e projetos gráficos. Expondo desde 1981, suas obras já transitaram por diversos países, como EUA, Cuba, Holanda, França, Alemanha e Portugal, e integram os acervos do MASP e do MAM, entre outros. Foi docente da disciplina Projeto Gráfico no IADE, e de Linguagem Visual na FAU-PUC de Campinas; atualmente ministra cursos de linguagem fotográfica no MAM. Integra publicações como a *Brasilianische Fotografie 1946 – 1998: Labirintos e Identidades*; *Canto a la Realidad – Fotografía Latino-Americana 1860 – 1993*; e *Mapas Abiertos – Fotografía Latino-Americana 1991 – 2002*.